



XII Fórum Mineiro de Psicanálise

Corpos, línguas e outras escritas

25 a 27 de Julho de 2024

Muriae - MG

Retorno à modalidade presencial

O que se escreve no muro? Uma discussão sobre o paradigma lógico-matemático no ensino de Lacan

Helena de Almeida Cardoso Caversan¹, Bianca Camila Gonçalves Moreira², Cláudia Aparecida de Oliveira Leite³

¹ Universidade Federal de São João del-Rei/ Divinópolis, Minas Gerais/
helenacaversan@gmail.com / <https://orcid.org/0000-0002-4192-4184>

² Universidade do Estado de Minas Gerais/ Divinópolis, Minas Gerais/
biancacamila.goncalves@outlook.com / <https://orcid.org/0000-0002-3379-2513>

³ Universidade do Estado de Minas Gerais; Parêntese/ Divinópolis, Minas Gerais/
claudia.leite@uemg.br / <https://orcid.org/0000-0002-1634-4866>

Resumo

Em certa altura de seu ensino, Lacan passa a recorrer à lógica-matemática como um recurso teórico para a transmissão do Real psicanalítico. Por essa via, o presente trabalho enlaça a abordagem do Real por meio do paradigma lógico e a dimensão da castração produzida pelo discurso analítico. A discussão é tecida a partir da ideia de muro da linguagem, apontada por Lacan no período concernente ao Seminário 19. Diante da clivagem do muro, que deixa o discurso em sua frente e o Real para trás, suas paredes são invadidas pelo ravinamento de uma escrita singular. Trata-se da escrita da letra, esta que possibilitou que algum discurso encontrasse meios de trabalhar para além do muro.

Palavras-chave: Discurso do analista, letra, lógica, Psicanálise, Real.

Introdução

Este trabalho faz parte das produções do grupo de pesquisa Treliça – Interseções Psicanalíticas, desenvolvido na Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, Divinópolis. Dentre as temáticas de pesquisa elaboradas, estão as interseções entre a

psicanálise e a lógica-matemática que recolhemos do ensino lacaniano. A partir de um grupo de estudos que se dedica a essa temática já há dois anos, foi possível reconhecer que em determinado momento de seu ensino, Lacan passa a recorrer à lógica-matemática como um paradigma fundamental de transmissão, no qual está cernido o desenvolvimento de conceitos importantes como a letra, a teoria dos discursos e as fórmulas da sexuação.

O ponto fundamental de tal paradigma está na identificação de que algumas propriedades encontradas na lógica-matemática – como a escrita da letra, a existência dos paradoxos e os teoremas da incompletude – forneceriam um material essencial para abordar algo do Real psicanalítico, que até então não havia encontrado suporte na linguística ou na antropologia estrutural. Nas palavras de Lacan, “para chamar as coisas por seu nome, essa lógica matemática é absolutamente essencial à sua existência no real, saibam vocês disso ou não (Lacan, 1968-1969/2008, p. 35).

É importante mencionar que, ao trabalhar com a lógica por meio de seus matemas, Lacan não encerra a psicanálise em uma suposta fórmula. Isso porque a perspectiva de uma escrita matemática sempre demanda um saber ler, ou seja, diante da construção de uma linguagem artificial – uma fórmula – Lacan não dispensa a importância do uso da linguagem natural. Dito, ainda, de outro modo, o Real não é algo que possa ser encerrado no conhecimento, pois não se trata de algo que se conhece, mas que se demonstra, e o seu acesso só é possível pela abertura que apenas o Simbólico permite (Badiou, 1999, Lacan, 1972-1973/2008).

Nesse percurso, em *Estou falando com as paredes*, Lacan (1971-1972/2011) assevera que

O real de que eu falo é absolutamente inabordável, a não ser por uma via matemática. Para situá-lo, não há outro caminho senão o último discurso surgido dos quatro, aquele que defino como discurso analítico. De um modo que seria um exagero dizer que é consistente, pois se trata, pelo contrário, de uma hiância, e propriamente da que se exprime pela temática da castração, esse discurso permite ver por onde se assegura o real de que ele se sustenta como discurso (p. 64).

Essa citação permite-nos reconhecer que há um enlace entre a abordagem do Real pela lógica-matemática e a dimensão da castração produzida pelo discurso analítico, pois, nas palavras de Lacan, a castração “fez, enfim, sua entrada irruptiva, sob a forma do discurso analítico” (p. 88). Desse modo, elegemos a lógica-matemática, a escrita e o discurso

analítico como nossos tópicos de análise para discutirmos a questão: seria o uso da lógica uma ferramenta encontrada para transmitir a castração, via matema? Ou seja, para fazer valer o discurso analítico considerando sua *práxis* – teoria e clínica? Para tal, faremos um trabalho de revisão bibliográfica objetivando discutir a função que Lacan apresenta a respeito do muro¹ da linguagem.

Muro, lógica e discurso

No que se refere ao âmbito clínico, o gesto teórico de diferenciação entre significante e letra culmina na abertura de uma escuta clínica que sabe reconhecer aquilo que se apresenta como texto no discurso do analisante. Logo, a proposição lacaniana do matema e da letra possibilita a abordagem de algo do universal – herdado do universo da escrita matemática – e também algo do singular, que pertence ao movimento significante da linguagem, que abre espaço para o sujeito. No cerne dessa dinâmica – que talvez possamos reconhecer como uma dinâmica moebiana entre o universal e o singular na psicanálise – está, como nos apresenta França Neto (2015), o objeto *princeps* da psicanálise, nomeado por Lacan como objeto *a*. Esse objeto que “se caracteriza exatamente pela sua dessubstancialização, colocando-se não como um dado fenomênico, mas como causa inapreensível do movimento de um sujeito” (p. 196).

De forma paradoxal, o objeto *a* é adicionado no campo da linguagem por meio de sua exclusão, isto é, trata-se do que, excluído, funda a realidade e, como nos lembra Lacan (1972-1973/2008), não existe realidade pré-discursiva. A exclusão do objeto *para sempre perdido* é o que funda qualquer campo discursivo, pois um discurso, sendo um aparelho de linguagem, tem como função o enquadramento da pulsão. Dito de outro modo, quando tratamos da teoria dos discursos em Lacan, falamos de um enlaçamento entre o significante e a pulsão que, tomando Freud e sua teoria das pulsões, trata-se de uma organização estrutural que, primeiramente, serve ao princípio do prazer. É isso que significa o enquadramento da pulsão, pois ao colocar o significante em jogo, erigimos a linguagem como mediadora possível ao ilimitado do gozo.

¹ No original, em francês, o termo utilizado por Lacan é *mur*. Em sua tradução para o português, encontramos tanto a palavra “muro” quanto “parede”. Para este trabalho, escolhemos utilizar o termo “muro” devido à sua proximidade ao original, mesmo que “parede” ainda apareça em algumas citações.

Durante os anos de 1971 e 1972, Lacan ocupa-se de seu ensino mediante dois arranjos concomitantes: 1) os encontros que se estabeleciam na sequência de seus seminários, notado como Seminário 19, ... *ou pior*; 2) a apresentação em uma série de palestras nomeadas de *O saber do psicanalista*, endereçadas aos psiquiatras na Capela do Hospital de Sainte-Anne. Três dessas lições foram compiladas e publicadas com o título *Estou falando com as paredes* (*Je parle aux murs*). Em ambas, há um importante recurso à lógica-matemática e, também, uma argumentação no campo da linguagem a respeito do que seria seu muro. Destacamos duas passagens. Primeira: “O que posso dizer, em todo caso, é da clivagem da parede. Há alguma coisa instalada na frente, que chamei de fala e linguagem, e por trás isso trabalha, talvez matematicamente” (Lacan, 1971-1972/2012, p. 74). E a segunda: “O que posso dizer é que, por certa vertente, que é a de uma lógica, foi que pude ..., por esse caminho, fazer o quê? Dar ao menos a razão das paredes” (Lacan, 1971-1972/2011, p. 87).

Entendemos que o muro se coloca como um certo limite, que não remete a outra coisa senão à castração. Ela acusa que o trabalho simbólico da linguagem alcança até certo ponto, depois dele ergue-se o muro, deixando para trás um Real inacessível. Quando dissemos anteriormente que com o aparelho discursivo erigimos a linguagem como mediadora possível ao ilimitado do gozo, localizamos, junto a Lacan (1971-1972/2012), que o que acontece na frente do muro é o que a psicanálise chama de discurso, instalado em um movimento que envolve não só fala e linguagem. A partir daí, o que se pendura no muro adquire seu sentido por meio do quarto de giro, ou seja, da mudança de discurso.

Ao emparelhar - ou seria emparedar? - o gozo com a linguagem, o muro deixa para trás um impossível de apreender. Porém, em sua superfície, Lacan (1971-1972/2012) atesta que podem surgir duas ordens de coisas: as manchas, que remetem ao figurativo e ao fazer artístico; e os ravinamentos, que evocam o que é da ordem da escrita. Na dinâmica entre a fala e o discurso, os ravinamentos provocados escrevem-se no muro a partir de uma substância diferente, capazes de trazer vislumbres do que está por trás dele.

Não esqueçamos que outro momento em que Lacan apresenta a ideia do ravinamento é na importante lição d'*O Seminário, livro 18 - De um discurso que não fosse semblante*, nomeada *Lição sobre lituraterra*. Nela, lemos que “o que se evoca de gozo ao se romper um semblante, é isso que no real - aí está o ponto importante, no real - se apresenta como ravinamento das águas. . . . a escrita é, no real, o ravinamento do significado” (Lacan, 1971/2009, p. 114). O que entendemos com isso? Que a letra se escreve no muro da

linguagem em uma função de literar o Real a partir do Simbólico. Isso porque o ravinamento, ao provocar o rompimento do semblante - disso que é da ordem do significante e que está na frente do muro - é como se causasse uma espécie de rachadura na espessura desse muro, ficando mais próximo de um vislumbre do que está por trás dele.

E é aqui que voltamos à lógica. Diante de nossa hipótese, foi aqui também que Lacan (1971-1972/2012) retornou à lógica, ao enunciar que ela é "o discurso que se sustenta sobre o muro" (p. 74). A questão é que, nessa altura de seu ensino, Lacan já havia reconhecido que há algo de estrutural no inconsciente, mas de uma estrutura que se inscreve no Real. Nesse sentido, o psicanalista francês enxerga na lógica-matemática a possibilidade de que algo dessa estrutura possa ser trabalhado também teoricamente. Isso porque, a proposta de formalização empregada pela lógica-matemática interessa a Lacan em dois pontos: primeiro, ao utilizar de uma escrita pautada na letra, cujas características principais seriam a de significar a si mesma, a de ser deslocável e a de representar um certo suporte material; E, em segundo lugar, a presença dos paradoxos que acabam demonstrando que em qualquer movimento de formalização lógica, o que se formaliza, de fato, é o impasse.

Assim, se a letra acompanha a ideia de um ravinamento capaz de literar Real e Simbólico, o impasse lógico é o que demonstra, matematicamente, o impossível de formalizar. Isto é, o Real, na medida em que ele é *o impossível de alcançar para além do muro* (Lacan, 1971-1972/2012). Dito isso, quando Lacan assevera que uma ciência pautada no número, na função e na topologia encontrou "meios de se construir atrás do muro" (p. 74), amplia o alcance de nosso entendimento quando, em *A ciência e a verdade* (1965/1998), a lógica é anunciada como a ciência do Real. Nesse ínterim, o recurso à lógica e à matemática - inserindo aqui a topologia - auxiliam a psicanálise a dar razão ao muro, de modo que aquilo que é da ordem da castração e que, por isso mesmo, limita o acesso do Simbólico ao Real, encontra uma maneira de ser abordado por vias que trazem, também, um rigor teórico (Lacan, 1971-1972/2011).

O Discurso do analista e a reinserção da castração

A partir do que foi discutido, percebemos que a formalização do ensino lacaniano e seus objetivos de transmissão via matema, convocam o trabalho de conjugar, nesse campo, a letra e o escrito. Por esse viés, Lacan (1971-1972/2012) diz que “. . . ainda

assim, a propósito dessa letra, não é possível deixarmos de lidar com um campo chamado matemático, e no qual não se pode escrever qualquer coisa” (p. 26). Isso porque, de antemão, a ciência matemática evoca um certo rigor. Contudo, ao transpor esse rigor para o campo psicanalítico, trata-se de manter aberta a hiância na qual suscita o sujeito, a mesma que a ciência, desde seu nascimento, preocupou-se em fechar.

A psicanálise e seu discurso são um percurso que não acontece sem a inclusão do Real em sua dinâmica. Ao nos interrogarmos sobre a função do muro, também nos perguntamos o que se faz com o impossível lógico - com esse Real - que insiste em aparecer nas voltas da fala do analisando e nos desdobramentos dos construtos teóricos. Isso, pois, como postulado por Lacan (1971-1972/2012), mesmo que banhados na significância, o Simbólico e o discurso não são capazes de tudo recobrir. Ao pendurar alguns significantes no muro, outros, necessariamente, ficam de fora dela.

Ainda que o exercício dos outros três discursos propostos por Lacan (1969-1970/2016) apresente um empuxo à totalização, o discurso analítico irrompe no cenário histórico em um esforço lógico de fazer valer o Real. É sobre o muro da linguagem, nesse limite imposto pela castração, que se sustenta não só o discurso lógico, mas também o analítico, enquanto o único capaz de realizar "a articulação desse núcleo opaco chamado gozo sexual, nesse registro a ser explorado que se chama castração" (Lacan, 1971-1972/2011, p. 58). E que, por isso mesmo, "justifica que nos empenhemos em formular seu matema" (p. 59).

O trabalho lógico no campo psicanalítico, balizado pela escrita da letra, pela sustentação do impasse e pela incorporação teórica dos paradoxos, serve de uma preciosa mediação para a operação e transmissão do impossível revelado pelo registro do Real. O que está para além do muro permanece inacessível, fazendo com que recordemos sua verdadeira função: a de bordejar um vazio.

Referências

Badiou, A. (1999). *Conferências de Alain Badiou no Brasil* (C. Garcia Org.). Autêntica.

França Neto, O. (2015). Uma metodologia para a psicanálise. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, 27(1), 195-211. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v27n1/11.pdf>

Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro Trad., pp. 869-892). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1965).

- Lacan, J. (2008). *O Seminário livro 16: de um Outro ao outro* (V. Ribeiro Trad.). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1968-1969).
- Lacan, J. (2016). *O Seminário livro 17: o avesso da Psicanálise*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970).
- Lacan, J. (2009). *O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante* (V. Ribeiro Trad.). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1971).
- Lacan, J. (2011). *Estou falando com as paredes: conversas na capela de Sainte-Anne* (V. Ribeiro Trad.). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1971-1972).
- Lacan, J. (2012). *O Seminário livro 19: ...ou pior* (V. Ribeiro Trad.). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1971-1972).
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973).